

MEMÓRIAS  
DA  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE  
LISBOA

CLASSE DE CIÊNCIAS

TOMO XLVI

---

**Anatomia artística na Pérsia Antiga**

**II**

Império Selêucida, Império  
Arsácida ou Parta e Império  
Sassânida

J. A. ESPERANÇA PINA

---



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

LISBOA • 2019

# Anatomia artística na Pérsia Antiga II

## Império Selêucida, Império Arsácida ou Parta e Império Sassânida

J. A. Esperança Pina

### ASPECTOS GERAIS

Alexandre, o Grande anexou o Império Aqueménida e após a sua morte um dos seus generais, fundou o *Império Selêucida* (330-125 a.C.). Seguiu-se a formação do *Império Arsácida ou Parta* (247 a.C.-224) e depois o *Império Sassânida* (224-651), que caiu em poder dos Árabes, marcando o início da Era Islâmica.

### 5. IMPÉRIO SELÊUCIDA (330-125 A.C.)

A conquista do Império Aqueménida, por Alexandre, o Grande, foi possível devido à sua capacidade militar excepcional e à superioridade do seu exército. Após a inesperada morte de Alexandre, este deixou sem herdeiros um extenso império de cultura parcialmente helénica. O império foi sofrendo numerosas rebeliões, e um dos seus generais, Seleuco, que casou com uma princesa bacteriana, tornou-se o primeiro rei selêucida.

#### 5.1. Geografia do Império Selêucida

A extensão do Império Selêucida era constituída por uma multidão de povos: gregos, persas, medos, judeus, indianos, entre outros. A população era de cerca de 35 milhões de habitantes, ou seja 15% da população mundial, sendo o mais poderoso império do mundo.

#### 5.2. História do Império Selêucida

Durante o século IV a.C., o Império foi esfacelado em consequência de numerosas revoltas, mas o golpe final foi dado por *Alexandre, o Grande*, que anexou o Império Persa depois de derrotar as tropas de Dário III. À morte de Alexandre, em Babilónia (323 a.C.), seguiu-se uma longa luta pelo trono, entre os seus generais.

*Seleuco I* (321-281 a.C.) saiu vencedor, tendo fundado na região da Babilónia o Império Selêucida. Anexou o resto do antigo Império Persa a leste, até ao rio Indo na Índia, assim como o norte da Síria e a região oriental da Anatólia. Devido ao seu casamento com uma nobre persa, conduziu a ligação dos macedónios com os persas.

*Antíoco I* (280-261 a.C.) falhou em prosseguir o plano expansionista de seu pai, reduzindo o Império em resultado das derrotas com a Síria.

*Antíoco II* (260-246 a.C.) conduziu à decadência do Império, com as perdas das satrapias de Pátra e Bacteriana (actual Afeganistão).

*Seleuco II* (245-226 a.C.) recebeu o trono com o Império em declínio, que se exacerbou com a derrota contra Ptolomeu III do Egípto e numa guerra civil contra o seu irmão.

*Antíoco III* (223-187 a.C.) encorajado por Aníbal de Cartago a atacar a Macedónia, sofreu uma derrota, o mesmo sucedendo com Roma. Antíoco III foi forçado a assinar um tratado, onde deveria entregar todos os territórios europeus e os do norte da Ásia Menor.

*Antíoco XIII* (69-64 a.C.) devido à guerra civil acabou por ser invadido pelo exército romano, sendo o Império Selêucida transformado numa província romana.

### 5.3. Anatomia Artística do Império Selêucida

A conquista de Alexandre Magno marcou um tempo de paragem na evolução da arte persa, muito avançada durante cerca de sete séculos. O conquistador pretendeu criar uma civilização mista, entre a Grécia e a Pérsia, mas que rapidamente se desagregou. A arte persa no Império Selêucida revela a existência de uma mistura de três modelos artísticos: a arte helenística, a arte greco-persa e a arte persa propriamente dita. Conhece-se pouco da arte selêucida. Na arquitectura, os restos do templo de Kengavar e do templo de Khurha, e na escultura uma estátua, um busto e dois fragmentos de importantes estátuas.

#### 5.3.1. Arquitectura

A arquitectura encontra-se representada no templo de Kengavar e no templo de Khurha, ambos em mau estilo grego, como se observa nas proporções e nas colunas.

O *templo de Kengavar* (200 a.C.) perto de Kermanshad foi concebido em estilo grego. Tem uma sala com 200 m<sup>2</sup>, as paredes com grossos blocos de pedra e as colunas com capitéis dóricos.

O *templo de Khurha* (200 a.C.), perto de Qurn, foi também concebido em estilo grego. As colunas ultrapassam as proporções clássicas, entre a altura e o diâmetro com os capitéis em mau estilo jónico.

#### 5.3.2. Escultura

A *estátua* (século II a.C.), em pedra, encontra-se na Coleção Rabenou, em Nova Iorque. O membro superior esquerdo está estendido ao longo do corpo e o membro superior direito tem o cotovelo flectido com a mão em pronação. A cabeça tem o cabelo caído e a barba e pêra curta, a fenda palpebral apresenta uma ligeira concavidade superior e a fenda da boca está horizontalizada. A mímica sugere benevolência piedosa.

O *busto feminino* (séculos II-I a.C.), em alabastro, procedente das montanhas de Bakhtiari, encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. O busto pertence a uma deusa, provavelmente Afrodite Calipígia, com características helenísticas, estando a metade ínfero-esquerda com roupagem drapeada e a metade súpero-direita põe a nu a mama direita. Apresenta a incisura jugular, o manúbrio e o corpo do esterno e os fascículos anteriores do músculo deltóide. A mama direita com a aréola da mama e papila mamária, muito bem representada.

A *cabeça feminina* (século II a.C.), em bronze, procedente do Santuário de Shami (Cuzistão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. O fragmento de cabeça fundida em bronze, com características helenísticas, tem o nariz tipo grego, com uma depressão entre o dorso do nariz e a glabella e os lábios entreabertos. A mímica sugere reflexão com ponderação.

A *cabeça masculina* (século II a.C.), em bronze, procedente do Santuário de Shami (Cuzistão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. O fragmento da cabeça fundida em bronze, de monarca, provavelmente Antíoco II, tem características helenísticas, com parte das duas orelhas e do pescoço, bem como algumas madeixas da franja. O nariz tipo grego tem uma depressão pouco acentuada, entre o dorso do nariz e a glabella. Os lábios são carnudos, o queixo, a maxila e o ramo da mandíbula direitas estão proeminentes e o sulco naso-labial muito marcado. A mímica sugere reflexão com meditação.

## 6. IMPÉRIO ARSÁCIDA OU PARTA (250-226 A.C.)

### 6.1. Geografia do Império Arsácida ou Parta

O território estendeu-se das margens setentrionais do Eufrates, no actual sudeste da Turquia, até ao este do Irão. Dominava a Rota da Seda, a rota comercial que ligava o Império Romano e os países mediterrânicos ao Império Han, da China, e por isso se tornou um importante entreposto comercial.

### 6.2. História do Império Arsácida ou Parta

*Ársaces I* (247-217 a.C.) chefe da tribo derrotou Andrágora, o sátrapa da Partia, dando o seu nome à dinastia arsácida.

*Mitridates I* (171-139 a.C.), considerado por alguns como o verdadeiro fundador da dinastia, assumiu o título de “rei dos reis” e transformou a Pátria numa grande potência. Anexou no ocidente parte do Irão e da Mesopotâmia, e no oriente alcançou a Índia.

*Mitridates II* (124-88 a.C) interveio pela primeira vez na Arménia e estendeu o seu poder até ao curso superior do Rio Eufrates, passando este rio a constituir a fronteira ocidental do reino. Os Partas consolidaram as relações com a dinastia chinesa dos Han, passando a controlar a “Rota da Seda”, que trocava o lucrativo comércio da seda, das especiarias e de produtos sumptuários, entre a China e Roma.

*Gotarces I* (91-81 a.C.) e dois sucessores atravessaram um período de grande debilidade, conduzindo à perda de algumas regiões da Pátria.

*Fraatres III* (71-58 a.C.) encontrou um Império de dimensões reduzidas. A Arménia e as cidades da Mesopotâmia, entre o Tigre e o Eufrates, foram o alvo da discórdia entre Partos e Roma, sendo a batalha de Carras um dos maiores desastres militares romanos, o que permitiu que o Rio Eufrates se mantivesse como fronteira entre ambos os Impérios, durante mais de um século.

*Artabano IV* (213-224) foi o último soberano parta, originou o fim do Império Arsácida ou Parta, não por causas externas, mas pela revolta de Ardachir, um dinasta da cidade de Istakhr. Utilizou o epónimo de Sássn, um deus desconhecido, que deu nome ao Império Sassânida por ele fundado.

### 6.3. Anatomia Artística no Império Arsácida ou Parta

#### 6.3.1. Arquitectura

Diversas cidades partas dispuseram de importantes palácios, sendo de realçar os das cidades de Nisa, Assur e Hatra. Em finais do século II é de referir a influência romana em Hatra e Palmira.

**Palácio de Nisa**

O Palácio de Nisa tinha uma grande sala central, várias vezes modelada, com o teto com vigas sustentadas por quatro colunas quadrilobadas. As paredes tinham nichos com estátuas masculinas e femininas, que representavam divindades e reis partas. As estátuas em mármore tinham características helenísticas.

**Palácio de Assur**

O Palácio de Assur apresentava um pátio quadrado, onde se abriam quatro *iwan* em cada um dos lados do quadrado. Os *iwan* eram salas rectangulares abobadas, abertas para o pátio através de um portal ricamente decorado.

A fachada dos *iwan*, observada pelo pátio, apresentava três registos com nichos e finas colunas decorativas.

**Palácio de Hatra**

A fachada do palácio é fortemente influenciada pelo estilo greco-romano. No Palácio de Hatra encontram-se dois *iwan*, com grandes e pequenas salas abobadas. O templo está ligado a um dos *iwan*.

**Templo de Bal em Palmira**

Palmira (hoje Tadmor) é uma cidade da parte central da Síria, cujo nome se refere a palmeira, estando localizada num oásis, situado a meia distância entre o Mar Mediterrâneo e o Rio Eufrates. Palmira adquiriu uma certa independência perante Roma e Parta, até que no Império Sassânida se transformou numa fortaleza militar. Em 270, o Imperador Aureliano destruiu Palmira.

O *Templo de Bal* foi construído de acordo com características romanas e ornamentação persa.

**6.3.2. Escultura e relevos**

A escultura encontra-se representada em estátuas e baixos-relevos, sendo de salientar as existentes em hipogeus e em lugares de culto.

**Escultura em hipogeus**

As diversas formas de inumação constituíam a tolerância religiosa em Partos. Nas regiões orientais, após a morte o cadáver era exposto, e depois de algum tempo os ossos eram depositados em ossários ou *astodans*. Na região sudoeste, o cadáver era colocado num sarcófago de tampa oval, e guardado em hipogeus decorados com figuras em relevo, e no interior colocavam-se figurinhas de terracota, vasos de ouro e prata ou moedas.

O *túmulo de Yarkat* (175-200), proveniente de Palmira, encontra-se reconstituído no Museu Nacional de Damasco. O sarcófago ocupa a posição central, por baixo de um *klinè*, com o banquete dos parentes próximos. O túmulo está rodeado por numerosos bustos dispostos em três registos.

**Escultura em lugares de culto****Tang-I Sarvak**

O *relevo rupestre* (século 200), na rocha de uma montanha, encontra-se em Tang-I Sarvak (Cuzistão). O principado Elimaide constituía a parte norte do antigo Elão, correspondendo a Susa. O

território foi independente por pouco tempo, representando o baixo-relevo a submissão do príncipe Elimaide ao rei Mitridates I.

*O relevo rupestre* (século 200), na rocha de uma montanha, encontra-se em Tang-I Sarvak (Cuzistão). O registo superior representa uma personalidade de pé, a realizar uma acção de graças diante de um altar, em forma de bétulo (pedra sagrada). Atrás o monarca sentado num trono oriental tem na mão direita um anel, símbolo do poder.

### *Shami*

*A cabeça masculina* (século II a.C.), em mármore, procedente do Templo de Shami (Cuzistão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. Representa a cabeça de um príncipe parta com os cabelos presos por um diadema, e a barba e pêra curtas e bem tratadas. A rima das pálpebras esquerdas mostra os dois terços laterais da esclera, as aberturas das narinas é típica da raça amarela e a referência da maxila muito marcada. A mímica sugere surpresa e ponderação.

*O príncipe parta* (século II a.C.), em bronze, procedente do Templo de Shami (Cuzistão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. É uma estátua maior que o natural, impondo-se pelo seu estatismo, com ausência do membro superior direito e da mão esquerda. A cabeça coberta com um chapéu, actual tipo panamá, e uma fâcias mal definida, pelo que não é possível determinar a mímica.

### *Nimrud Dagh*

O monte de Nimrud Dagh encontra-se situado no sudoeste da Turquia, com altitude de 2150 metros, onde se situam as ruínas do túmulo de Antíoco I, em forma de pirâmide. Os terraços este e oeste do monte correspondem às bases do túmulo, com estátuas gigantescas em estilo helenístico, representando os deuses (Zeus, Apolo, Hércules e Comagena), o rei Antíoco I, e os guardiões do templo, o leão e a águia.

*A cabeça de Zeus* (século I a.C.), em calcário, encontra-se em Nimrud Dagh, no túmulo de Antíoco I. O deus apresenta-se com chapéu e barba tipo persa, a rima das pálpebras muito abertas e os lábios carnudos. A mímica sugere benevolência piedosa.

*A cabeça de Hércules* (século I a.C.), em calcário, encontra-se em Nimrud Dagh, no túmulo de Antíoco I. O deus apresenta-se também com chapéu e barba tipo persa, e também com a rima das pálpebras muito grande e os lábios carnudos. A mímica exprime contemplação e desconfiança.

*A cabeça de Apolo* (século I a.C.), em calcário, encontra-se em Nimrud Dagh, no túmulo de Antíoco I. O deus, muito jovem, com características helenísticas apresenta-se sem barba. A mímica insinua reflexão com intensa meditação.

*A cabeça da deusa Commagène* (século I a.C.), em calcário, encontra-se em Nimrud Dagh, no túmulo de Antíoco I. Trata-se da deusa da fertilidade com uma coroa de frutos. A mímica sugere meditação com tristeza.

*A cabeça de Antíoco I* (século I a.C.), em calcário, encontra-se em Nimrud Dagh, no túmulo de Antíoco I. O rei foi esculpido ainda jovem, no início do seu reinado, provavelmente na apoteose da sua coroação. A mímica exprime atenção com circunspecção.

*O perfil de Antíoco I e Dário I* (século I a.C.), em calcário, encontra-se em Nimrud Dagh, no túmulo de Antíoco I. A fâcias de Antíoco I está muito danificada, enquanto a de Dário I parece exprimir altivez arrogante.

*Antíoco e o deus Hércules* (século I a.C.), em grés, encontram-se em Nimrud Dagh. As duas personagens cumprimentam-se. A nudez de Hércules permite observar as suas referências osteo-musculares. A anatomia de superfície mostra as referências tóraco-abdominais, bem marcadas, no manúbrio, corpo e processo xifóide do esterno, linha alba, umbigo, e músculos rectos e oblíquos externos do abdómen. A anatomia de superfície nos membros superiores e inferiores apresenta as referências osteo-musculares mal marcadas.

*Antíoco e o deus Apolo* (século I a.C.), em grés, encontra-se em Nimrud Dagh. O rei e o deus parecem contemplar-se mutuamente, tendo o deus do sol a auréola de raios, difundindo a luz.

### *Susa*

*A cabeça de homem barbudo* (séculos I-III), em calcário, procedente de Susa, encontra-se no Museu do Louvre em Paris. A cabeça está esculpida com características orientais. Apresenta dois sulcos frontais incompletos, três sulcos verticais e sulcos génio-labiais muito bem marcados. Estas referências cutâneas definem a mímica de reflexão com atenção e olhar perscrutador.

*A cabeça feminina* (século I), em mármore, procedente do Santuário de Shami (Susa), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. Representa a cabeça de uma rainha parta, possivelmente mulher do rei Fraatres IV, com coroa denticulada aqueménida. Trata-se de uma imagem helenística com uma inscrição grega na coroa. O cabelo é curto e bem tratado, os arcos superciliares convergem para a raiz do nariz. O olho direito está em abdução e o olho esquerdo em adução, fixando alguma coisa situada à direita. As referências cutâneas dos lábios estão muito bem representadas. A mímica sugere contemplação com afectividade.

### *Hatra*

*O rei Uthal de Hatra* (século II), em mármore, procedente do Templo de Hatra, encontra-se no Museu de Mossul em Bagdad. Apresenta-se numa inflexível posse frontal, trajando uma vestimenta requintada a dar pelos joelhos e deixando ver uma espécie de calças com sulcos horizontais. A cabeça apresenta chapéu cónico e barba e pêra curta, características partas. A mão direita transmite um gesto de adorador, enquanto a mão esquerda segura uma catapulta.

*O rei Sanatruq de Hatra* (séculos I-II), em mármore, procedente de Hatra, encontra-se no Museu Nacional de Bagdad. Apresenta aspectos semelhantes à escultura anterior, mas a cabeça com tiara e o cabelo abundante e encaracolado. A mão esquerda segura provavelmente uma pena de escrita.

*A princesa Washfari filha do rei Sanatruq* (século II), em mármore, procedente de Hatra, encontra-se no Museu Nacional de Bagdad. Apresenta-se sentada em pose frontal, e traja uma roupagem requintada, com ricos brincos e colar. A cabeça apresenta um chapéu coniforme prolongado por um véu, o joelho direito muito pronunciado e a mão direita transmitindo um gesto de adoradora.

*A cabeça de um rei parta* (séculos I-II), em pedra, procedente de Hatra, encontra-se no Museu Nacional de Bagdad. O cabelo e as orelhas não se observam, o chapéu está fixo por uma tiara, tem forma esferoidal, e figuras geométricas com quadrados envolvendo círculos. A barba e a pêra cónica têm os pelos dispostos verticalmente e a rima das pálpebras aberta. A mímica sugere reflexão ponderada.

*A cabeça masculina* (século II), em calcário, procedente do Templo de Hatra, encontra-se no Museu Nacional de Bagdad. A cabeça tem o cabelo encaracolado e a barba que reveste a face continua com o

bigode e prolonga-se pela pêra. As rimas das pálpebras estão semi-abertas, as aberturas das narinas são elípticas e a saliência da maxila muito desenvolvida. A mímica sugere reflexão ativa e cautelosa.

### ***Palmira***

O *baixo-relevo* (156), em calcário, encontra-se em Palmira. Representa uma cena religiosa de um sacrifício. No centro encontra-se uma personagem, em frente de um altar, ladeada por duas divindades guerreiras a cavalo.

A *triade de divindades* (século I), em pedra, procedente de Palmira, encontra-se no Museu do Louvre em Paris. Representa Baalshamin, ao centro, com Aglibol, à sua direita e Malakbel, à sua esquerda, todos com equipamentos militares. Têm uma couraça com lamelas e o manto preso com uma fíbula, ao nível da espádua direita, e a mão esquerda seguram um gládio. O deus principal Baalshamin tem um pequeno chapéu cilíndrico onde se fixam duas faixas flutuantes, os cabelos longos e lisos e a barba e pêra à maneira parta. O deus Aglibol tem auréola lunar e o deus Malakbel tem auréola solar, ambos imberbes com cabelos encaracolados.

O *busto de Zabdibol* (100), em calcário, procedente de Palmira, encontra-se no Museu Nacional de Damasco. O busto do defunto traduz a arte religiosa e funerária nos partas de Palmira, com posição frontal e simétrica. As duas hemi-faces são idênticas, com a precisão dos contornos, sublinhando uma presença espiritual e hierática da personagem. Através dos olhos abertos procura o observador. A mímica exprime frieza e austeridade.

O *busto de Jarhai* (séculos II-III), em calcário, procedente de Palmira, encontra-se no Museu do Louvre em Paris. Representa um busto funerário com vestes muito ricas, evocando a beleza dos tecidos orientais, cuja existência é confirmada pela descoberta de fragmentos nos túmulos. O cabelo muito encaracolado continua-se pela barba, bigode e pêra cônica e olha fixamente. O dedo mínimo da mão esquerda tem um anel e a mão segura uma folha de palmeira, símbolo de prestígio ou de vitória sobre forças maléficas. A mímica sugere superioridade e altivez.

O *busto funerário de Ammiat* (séculos II-IV), em calcário, procedente de Palmira, encontra-se no Museu do Louvre em Paris. O busto feminino de Ammiat, filha de Yarkat, tem a mão direita na face. Atrás, duas folhas de palmeira que simbolizam o limite entre a vida e a morte. A túnica é drapeada e fixa por uma fíbula com um leão, ao nível da espádua esquerda. Os braços e a cabeça estão cobertos por um véu que segura com a mão esquerda. A mímica exprime uma atitude de tristeza, característica dos bustos funerários de Palmira.

A *cabeça feminina* (séculos II-IV), em calcário, procedente de Palmira, encontra-se no Museu do Louvre em Paris. A mímica sugere contemplação com altivez.

A *cabeça de Shaba* (século II) em calcário, procedente de Palmira, encontra-se no Museu do Louvre em Paris. A mímica exprime sensualidade.

### **6.3.3. Pinturas murais**

O *afresco* (1-100), proveniente de Khuh – Khwaja, destruído, representa três deuses.

O *afresco* (1-100), proveniente de Khuh – Khwaja, destruído, representa uma cabeça masculina de perfil.

O *afresco* (1-100), proveniente de Dura-Europos, destruído, representa o sacrifício de Conon, um martírio realizado por dois sacerdotes. Apesar da mão direita do sacerdote parecer alcançar o altar do sacrifício, não altera a imobilidade da cena mostrando rigidez e simetria rigorosa.

O *afresco* (101-200), proveniente de Dura-Europos, representa um cavaleiro caçando com catapulta, encontra-se no Museu do Louvre em Paris. O caçador está em posição frontal enquanto o cavalo se dispõe de perfil.

#### 6.3.4. Recipientes

O *jarro* (III-I a.C.), em cerâmica, procedente de Gilan (norte do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. Apresenta-se decorado com estrias verticais, o corpo esférico e o colo cilíndrico. O bico está situado no lado oposto da asa, arqueada.

O *frasco* (século III), em terracota, procedente do Cuzistão (sudoeste do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. Apresenta quatro faces quadrangulares, colo cilíndrico e ansa, com incrustações em vidro.

O *vaso* (III-I a.C.), em cerâmica, procedente de Gilan (norte do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. Tem três pés, bico e pequena asa. O corpo do vaso é semi-esférico, o bico curto e cilíndrico, e os três pés trapezoidais, lisos e altos.

O *recipiente* (II-I a.C.), em cerâmica, procedente de Germi (noroeste do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. Apresenta o corpo ovalado disposto longitudinalmente, sustentado por três pés curtos, o pescoço longo termina por uma cabeça pequena, com bico em forma de carneiro.

O *ritão* (II-I a.C.), em cerâmica, procedente de Damavand (norte do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. O ritão tem um prótomo de cabra montês, com duas pequenas orelhas acima das quais se destacam dois longos chifres arqueados. O focinho é saliente com barbicha pontiaguda. As patas pouco desenvolvidas estão flectidas.

#### 6.3.5. Numismática

As moedas arsácidas ou partas são geralmente feitas em prata, e as moedas em cobre eram destinadas a serem utilizadas localmente. No anverso da medalha estavam representadas em estilo iraniano as cabeças dos reis partas cobertas com barrete, típico dos guerreiros. No reverso da medalha estavam apresentadas imagens do rei.

As moedas representam: Mitridates I, Mitridates II, Artabano II, Fraatres III e Mitridates III.

As moedas representam: Fraatres IV, Fraatres V, Orodes II, e Vonones I.

As moedas representam: Vologeses I, Artabano IV, Cosroes, e Vologeses III.

## 7. IMPÉRIO SASSÂNIDA (226-651)

O Império Sassânida foi uma grande potência da Ásia ocidental durante mais de 400 anos, entre os anos 226 e 651, que terminou com o Islamismo. Este período da história da Pérsia constituiu a sua idade de ouro sob o plano artístico, político e religioso.

### 7.1. Geografia do Império Sassânida

O Império Sassânida dominou os territórios do actual Irão, Iraque, Afeganistão, o este da Síria, Arménia, Geórgia, Azerbaijão, Dugucstão, o sudoeste da Ásia Central, parte da Turquia, parte da Península arábica, a região do Golfo Pérsico e parte do Paquistão.

## 7.2. História do Império Sassânida

Os Sassânidas sempre se consideraram sucessores dos Aqueménidas, procurando devolver ao Irão a grandeza do passado. Esta ambição trouxe como consequências um conflito com Roma, primeiro, e depois, com Bizâncio, terminando com a destruição do Império e após o assassinato de Isdígertes III com o início da era islâmica.

*Ardacher I* (224-239) criou um Estado fortemente centralizado, realizou uma reforma monetária e instituiu o zoroastrismo como religião oficial.

*Sapor I* (241-272), filho de Ardacher, obteve grandes êxitos militares contra Roma, tendo anexado a Arménia. Durante este reinado o Império atingiu dimensões nunca alcançadas, sendo as fronteiras marcadas a ocidente, pelo Rio Eufrates, a oriente, pelo Rio Indo, e a norte, pela Arménia e Geórgia. Ao contrário dos seus sucessores, deu grande liberdade religiosa, atitude oposta aos dos reinados seguintes.

*Sapor II* (309-379) reconquistou territórios perdidos, à custa de duras campanhas, pelo que teve de aumentar os impostos.

A partir deste reinado as fronteiras do reinado foram atacadas por tribos nómadas, entre os quais os bárbaros Hunos da Ásia Central, enquanto no interior os habitantes passaram por muitas provações devido à seca e à fome.

*Cosroes I* (531-579) conseguiu recuperar o antigo esplendor do Império, e através de novo sistema de impostos permitiu que o exército restabelecesse a ordem nas fronteiras e melhorasse as condições de vida da população. Conseguiu levar as fronteiras do Império até ao Rio Axo depois de derrotar os Hunos. Reconciliou-se com o imperador bizantino Justiniano II.

*Yazdegerd III* (633-651) após a derrota nas batalhas de Ctesifonte e de Nehavand, o império caiu definitivamente em poder dos Árabes, marcando o início da era islâmica.

## 7.3. Anatomia Artística no Império Sassânida

### 7.3.1. Arquitectura

Diversas cidades sassânidas dispuseram de importantes palácios e templos, sendo de realçar os Palácios de Firuzabad, o mais antigo construído por Ardacher I, os Palácios de Ctésifon e Sarvistan e o Palácio e o Templo de Bishapur.

#### *Palácio de Firuzabad*

A cidade de Firuzabad foi construída por Ardacher, com forma circular e está ocupada no centro pelo templo de fogo.

Fora da cidade encontrava-se o palácio de Firuzabad bem protegido, com muros de pedras ligadas com argamassa, que chegavam a atingir quatro metros de espessura. O plano do palácio tinha uma simetria axial. Entrava-se pelo norte, no *ivan*, a sala oficial, e esta dava acesso à sala do trono coberta por um domo. No lado sul encontravam-se os apartamentos privados e o harém, dispostos em volta de um pátio interno.

#### *Palácio de Ctésifon*

Em Ctésifon, Sapor I construiu um palácio de grandes dimensões e uma fachada, ainda parcialmente conservada, com quatro registos horizontais, com nichos ladeados por colunas. O palácio tinha um gigantesco *ivan* abobado, a sala oficial, encontrando-se atrás a sala do trono e a área residencial.

### *Palácio de Sarvistan*

Em Sarvistan, na província de Fars, o palácio construído em pedra e argamassa, apresenta uma fachada, que se abre para o exterior por três *iwans*. Depois de se passar o *ivan* central alcançava-se a sala de recepção e atrás desta encontravam-se os aposentos residenciais.

### *Palácio e Templo de Bishapur*

Bishapur era limitada por uma muralha e fossos e protegida por uma fortaleza.

As escavações realizadas no palácio de Bishapur mostraram a sala do trono em forma de cruz com uma cúpula de 64 nichos, e no chão encontravam-se mosaicos de origem greco-romana. O templo de fogo comunicava com o palácio.

O templo de fogo era dedicado a Anâhita, a deusa das águas e da fecundidade. Era constituído por uma grande sala quadrada, a que se acedia por quatro corredores terminando em quatro portas, sendo um dos acessos feitos através de uma longa escada. Encontra-se ainda uma das entradas do templo e as bases do altar de fogo estão perto das ruínas do templo.

## 7.3.2. Escultura

### 7.3.2.1. Relevos Rupestres

Os relevos rupestres são as obras mais representativas nos rochedos em Firouzabad, em Bishapur, Naqsh-I, em Rustam e em Taq-I Bostan.

#### *Firouzabad*

O *relevu rupestre* (século III) encontra-se em Firouzabad. Trata-se da investidura do rei Ardacher I. O deus Ahura-Mazda e o novo rei estão frente a frente, o deus tem uma coroa e o rei com um chapéu cónico. O rei segura com a mão direita o diadema, símbolo do poder e eleva o antebraço esquerdo em sinal de respeito. Atrás, está um pagem com um enxota-moscas, e três personagens, provavelmente os filhos do rei, que se distinguem pelas cabeleiras.

O *relevu rupestre* (século III) encontra-se em Firouzabad. Trata-se de um combate a cavalo, numa vitória decisiva entre o rei Artaxes I, fundador da dinastia sassânida e o último rei parta.

O *relevu rupestre* (século III) encontra-se em Firouzabad. Trata-se de dois guerreiros em cavalo a galope na perseguição do inimigo, na batalha decisiva de que saiu vencedor Ardacher I.

#### *Bishapur*

O *relevu rupestre* (século III) encontra-se em Bishapur. Sapor I tem um triunfo sobre três imperadores romanos, Gordiano III, Filipe, o árabe e Valério. No centro Sapor I, a cavalo, pisa o corpo deitado na terra de Gordiano III; Filipe, o árabe, à sua frente ajoelha-se para lhe pedir piedade; Valério, atrás em pé seguro por Sapor I.

O *relevu rupestre* (século III) encontra-se em Bishapur. Este relevo provavelmente inspirou os escultores que realizaram a coluna de Trajano em Roma. A composição central representa a tripla vitória de Sapor I sobre os imperadores romanos. Os quatro registos pretendem realçar a importância das diversas personagens, observando-se a cavalaria dos nobres, os prisioneiros romanos, e os persas transportando o saque realizado aos romanos.

O *relevo rupestre* (século III) encontra-se em Bishapur. O rei Sapor I e um deus estão a cavalo e os imperadores romanos vencidos estão no solo. Entre os dois cavaleiros, Filipe, o árabe de joelhos implora ao rei a paz, e Gordiano III jaz em decúbito ventral.

O *relevo rupestre* (século III) encontra-se em Bishapur. A cena representa a entronização de Bahraim I, filho de Sapur I. O deus e o rei estão a cavalo, em que o deus estende o diadema, correspondendo à atitude do rei prestes a receber o símbolo do poder real. É de referir o equilíbrio das figuras, a espiritualidade do rei, e a proporção dos animais, semelhantes e majestosos.

O *relevo rupestre* (século IV) encontra-se em Bishapur. No centro do registo superior, está Sapur II sentado no trono com um gládio na mão esquerda assente no chão, aparentando um aspecto apotropaico, no afastamento de malefícios e desgraças. Nos dois registos esquerdos encontram-se os nobres, vendo-se um servo segurando o cavalo do rei, e nos registos direitos estão os prisioneiros, destacando-se um soldado oferecendo ao rei a cabeça de um prisioneiro.

### *Naqsh-I Rustam*

O *relevo rupestre* (século III) encontra-se em Naqsh-I Rustam. Bahram II encontra-se no centro da sua família, sendo o único monarca persa a ser apresentado com os seus próximos, entre os quais a rainha e o príncipe herdeiro.

O *relevo rupestre* (séculos III-IV) encontra-se em Naqsh-I Rustam. Narseh, filho de Sapor I, parece estar a ser investido pela deusa Anâhita. O rei precedido por seu filho recebe o diadema, símbolo do poder das mãos da deusa.

O *relevo rupestre* (século III) encontra-se em Naqsh-I Rustam, no túmulo de Dário I. Sapor I, vencedor dos romanos mostra o rei montado no cavalo, numa posição humilhante para os romanos. Filipe, o árabe, à frente do rei exprime respeito e servidão. Valério em pé tem os braços elevados e as mãos seguras pelo rei. Sem se entender a razão, Gordiano III não se encontra representado.

O *relevo rupestre* (século IV) encontra-se em Naqsh-I Rustam. O rei Ormisdas I com o cavalo a galope parece voar, atirando o adversário abaixo da sela completamente destroçado.

### *Taq-I Bostan*

O *relevo rupestre* (século V) encontra-se em Taq-I Bostan. O fundo da gruta está dividido em dois registos. O tímpano, no registo superior, representa a investidura do rei Peroz (459-484), que recebe dois diademas, símbolo do poder, um do deus Ahura-Mazda e outro da deusa Anâhita. O registo inferior representa a estátua equestre do rei com armadura de guerra. Todas as personagens não têm gestos e posições naturais, mas têm vestimentos bordados e estão cobertos com pedras preciosas nas armas e nos símbolos.

O *relevo rupestre* (século IV) encontra-se em Taq-I Bostan. Trata-se da investidora de Ardacher II (379-383) rodeado por duas divindades, Ahura-Mazda que lhe oferece o diadema e Mithra com cabeleira de raios. Aos pés do deus e do rei está um inimigo morto, provavelmente um romano.

O *relevo rupestre* (século IV) encontra-se em Taq-I Bostan. A caça real aos javalis é realizada num lugar especial rodeado de sebes, reservado a estes animais. Num pântano, em pé numa barca, o rei aponta o arco a um javali, sendo escoltado por barcos a remos onde músicos entoam cânticos. Os animais abatidos são carregados em elefantes.

#### 7.4. Mosaicos de Bishapur

As escavações realizadas no palácio de Bishapur mostraram no chão da sala do trono mosaicos de origem greco-romana.

O *mosaico* (século III) encontra-se no palácio de Bishapur. Representa uma mulher jovem sentada enfiando uma coroa.

O *mosaico* (século III), proveniente do palácio de Bishapur, encontra-se no Museu Nacional do Irão, em Teerão. Representa uma mulher com um ramo de flores e uma coroa.

O *mosaico* (século III), proveniente do palácio de Bishapur, encontra-se no Museu do Louvre, em Paris. Representa uma tocadora de harpa.

O *mosaico* (século III), proveniente do palácio de Bishapur, encontra-se no Museu do Louvre, em Paris. Representa uma mulher jovem com uma coroa de flores.

O *mosaico* (século III) encontra-se no palácio de Bishapur. Representa a cabeça de um velho.

O *mosaico* (século III) encontra-se no palácio de Bishapur. Representa a cabeça de um homem com uma coroa de louros e chifres de animal.

O *mosaico* (século III) encontra-se no palácio de Bishapur. Representa uma mulher sentada com um pano preso numa vara.

#### 7.5. Objectos utilitários diversos

O *ritão* (século III), em prata dourada, procede de colecção particular. É um cavalo com arreios, deitado com a crina rapada. Na espádua do animal estão dois medalhões representando duas personagens barbeadas e penteadas à sassânida.

O *protome de ritão* (séculos IV-VII), em prata dourada, procede de colecção particular. É uma gazela com os chifres sem ramificações.

O *ritão* (séculos VI-VII), em prata, encontra-se no Museu de Arte em Cincinnati. É uma cabeça de cavalo com arreios.

A *garrafa* (séculos VI-VII), em prata dourada, de procedência desconhecida, encontra-se no Museu Nacional do Irão, em Teerão. O corpo é ovalado, o colo curto em forma de cálice e estrias horizontais. Em cada lado da garrafa encontram-se quatro bailarinas, cada uma num nicho, com penteados artísticos com longas tranças e colares. A veste, justa, de um tecido fino, permite ver as formas do corpo e dos seios. Diversos animais rodeiam a bailarina.

A *ânfora* (séculos VI-VII), em prata dourada, encontra-se numa colecção particular em Nova Iorque. O colo e a base têm estrias horizontais e a asa simples une o corpo ao bordo da boca. O corpo ovalado está decorado com um medalhão representando um veado.

O *prato decorado* (séculos V-VI), em prata dourada, é proveniente de uma colecção particular em Nova Iorque. O rei sassânida, numa cena de caça, com arco e flecha num cavalo a galope, persegue animais selvagens, javalis, gazela e cabrito-montês.

O *prato decorado* (século IV), em prata, encontra-se no Gabinete de Medalhas da Biblioteca Nacional de Paris. O rei Sapor II, voltado para trás num cavalo a galope, fere de morte um leão, enquanto o cavalo pisa um leão abatido.

O *prato decorado* (século IV), em prata dourada, encontra-se no Gabinete de Medalhas da Biblioteca Nacional de Paris. O rei Cosroes II, montado num cavalo a galope, caça com arco animais selvagens.

A *taça* (século VI), em ouro, com incrustações de relevo com massa de vidro colorida (branco, vermelho e verde) e entalhe central em cristal de rocha, encontra-se no Gabinete de Medalhas da Biblioteca Nacional de Paris. A *taça* de Cosroes I ou *taça* de Salomão tem no centro o rei de frente sentado no trono, suportado por dois protomes de cavalos alados de perfil.

A *taça* (séculos VI-VII), em prata, encontra-se na Galeria “The Walters”, em Baltimore, Maryland. Representa a cena de um banquete, organizada em torno do casal real. O artista recorreu a uma convenção simbólica, com a coroa que o rei entrega a sua mulher, bem como outras coroas semelhantes situadas aos pés do trono sugerindo a presença implícita de outros convivas. Cabeças de javalis indicam o resultado de uma caçada.

### 7.6. Numismática

As moedas sassânidas de prata eram utilizadas em resgates e no pagamento ao exército, as moedas em cobre eram usadas localmente e as moedas em ouro como sinal de prestígio. No anverso das moedas estão representadas as cabeças da quase totalidade dos reis sassânidas. No reverso da medalha estavam representados diversos temas como as favoritas dos reis ou altares de sacrifício.

As moedas representam os seguintes reis: Ardacher I, Sapor, Hormisda I, Bahram I, Bahram II e Bahram III.

As moedas representam os seguintes reis: Narseh, Hormisda II, Sapor II e Ardacher II.

As moedas representam os seguintes reis: Sapour III, Yazdegerd I, Bahram V, Peroz I, Kavad I e Balash.

As moedas representam os seguintes reis: Cosroes I, Hormisda IV, Cosroes II e Ardacher III.

(Comunicação apresentada à Classe de Ciências  
na sessão de 20 de novembro de 2018)

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arqueologia, O maior Império do Mundo Antigo*, volume III (1988). Barcelona: Planeta De Agostini A.A.
- Alvar, Jaime (1989), *Historia del Mundo Antiguo, Oriente, Los Persas*. Madrid: Ediciones Akal, S.A.
- Briant, Pierre (2004), *Darius, Les Perses et l'Émpire*. Paris: Découvertes Gallimard, Histoire.
- Briant, Pierre (1996), *Histoire de l'Empire Perse de Cyrus à Alexandre*. Paris: Librairie Arthème Fayard.
- Chirshman, Roman (1963), *Perse: Proto-iraniens, Medes et Achéménides*. Paris: Editions Galimard, L'Univers dès Formes.
- Chirshman, Roman (1962), *Iran: Parthes et Sassanides*. Paris: Editions Galimard, L'Univers dès Formes.
- Curatola, Giovanni et Scarcia, Gianroberto (2004), *Iran 2500 Ans d'Art Perse*. France: Hazan.
- Curtis, Vesta Sarkhosh (1996), *Mitos Persas*. Madrid: Ediciones Akal, S.A.
- Dandamaev, M. A. Y Lukonin, V. G. (1980), *Cultura y Economia del Irán Antiguo*. Barcelona: Editorial AUSA.
- Degeorge, Gérard (2001), *Palmyre, métropole caravanière*. Paris: Imprimerie Nationale, Editions.
- Frankfort, Henri (1988), *The Art and Architecture of the Ancient Orient*. Middlesex: Penguin Books Lda.
- Giordani, Mário Curtis (1969), *História da Antiguidade Oriental. O Irã*. Petrópolis, RJ, Brasil: Editora VOZES Limitada.
- Guardasoni, Anna Maria (1980), *Os Grandes Impérios, Os Persas*. Lisboa: Círculo dos Leitores.
- Herrero, Santiago Monteiro (2007), *História da Humanidade, O Egípto e as Antigas Civilizações, Persas, Partos e Sassânidas*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Huyse, Philip (2005), *La Perse Antique*. Paris: Société d'édition Ler Belles Lettres.
- Noblecourt, Christiane Desroches (1972), *História da Arte, Arte do Irão Antigo vol. I (n.º 8)*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

- Obras-primas do Museu Nacional do Irão (2005), *7000 anos de Arte Persa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Olaguer-Feliu, Fernando de (1994), *Historia del Arte del Próximo Oriente*. Barcelona: Editorial Planeta, S.A.
- Palou, Christiane et Palou, Jean (1962), *La Perse antique*. France: Que sais-je? Presse Universitaires de France.
- Pijoán, José (1981), Summa Artis, *Historia General del Arte, vol. II Arte del Asia Occidental, Pérsia, Partia, Sasania*. Madrid, Espasa-Calpe, S.A.
- Porada, Edith (1963), *Iran Ancien*. Paris: Editions Albin Michel.